

Casa Rex faz ode ao deboche ilustrado.

No premiado estúdio gráfico do Pacaembu, o designer Gustavo Piqueira cria e escreve livros nos quais destila um humor nem sempre compreendido

por Daniel Salles

Quem acha o Gustavo Piqueira um tremendo rabugento tem bons motivos para isso. O 12º livro do designer gráfico, *Iconografia paulistana*, concentra alguns deles. Lançado em novembro, reúne imagens de construções raramente fotografadas, como bufês infantis, e imagens de cardápios de restaurantes japoneses, para citar dois temas. Tudo comentado por sete *alter egos* do autor. Diz um deles, Fefferson de Souza, um estudante da 5ª série, a respeito de um retrato de uma pilha de cartões-postais. “É possível perceber que todos são tirados da janela de um avião ou helicóptero. Isso acontece porque São Paulo é uma cidade muito grande e só dá para vê-la do céu, não porque a cidade é feia e não tem um único lugar bonito o suficiente para ser fotografado mais de perto.”

Há cinco anos, durante uma entrevista, pediram que o designer sugerisse um roteiro para alguém que não conhece São Paulo. Ele indicou um almoço num restaurante a quilo no centro, um café no Shopping Iguatemi e uma caminhada pelo Glicério. A dica terminou assim: “Fim de tarde, hora de um clássico paulistano: congestionamento. Seguiríamos, ida e volta, pela Marginal Tietê. Para encerrar a noite, alguma insuportável peça experimental na Praça Roosevelt, um jantar fino em algum bistrô com proposta contemporânea, seguido de um clube descolado com público e som alternativos. Não seria um dia dos mais agradáveis, mas creio que daria um belo resumo da cidade”.

Gustavo Piqueira é um profissional talentoso – seu estúdio, a Casa Rex, já ganhou mais de 200 prêmios. É por isso que veículos de imprensa volta e meia lhe encomendam artigos. Em 2008, ele mandou para a *Folha de S.Paulo* um texto defendendo as bicicletas. “Lanço aqui um furioso manifesto contra este jornal. Sim, este mesmo. (...) Espero desencadear uma onda devastadora, que obrigue o periódico a eliminar, imediatamente, os dois emissários de Satã que vêm, encartados, todo maldito domingo”, dizia o texto. Os dois mensageiros vinham apontados no segundo parágrafo. Com uma sugestão, em letras maiúsculas: “ELIMINEM OS CLASSIFICADOS DE VEÍCULOS, SEUS PORCOS ASSASSINOS!”. O artigo não foi publicado.

O alvo de outro texto recusado pela *Folha*, em 2007, foi Jaime Oliver. Piqueira encasquetou com um livro de receitas dele. Mais precisamente com a capa, na qual o chef inglês aparece sentado num banco com um prato de macarrão na mão e um pé apoiado num Fusca. A parte traseira do veículo equilibra uma taça. “Encontre um Fusca qualquer e tente apoiar uma taça”, escreveu Piqueira. “Ih, caiu e quebrou? Desculpe, não quis destruir seu conjunto de copa e cozinha. Mas recolha os cacos na sarjeta e me diga: diante

desse despojamento de araque, onde diabos está a irreverência do ‘mais fofo e irreverente dos chefs’?”

“Toda a minha história e meus amigos estão aqui. Isso é mais do que suficiente para eu gostar de São Paulo. Não preciso fingir que a cidade é linda”
Gustavo Piqueira

Na verdade, Piqueira é um sujeito bem-humorado. “Muita gente confunde o que faço com o que realmente penso”, diz. “Abuso do escracho porque quero que as pessoas olhem o mundo como ele é. Só assim para as coisas mudarem.”

Nem todos o levam na esportiva. Que o diga boa parte dos compradores de *Marlon Brando: vida e obra*, publicado em 2008. Muitos devolveram o livro e outros tantos escreveram para a editora, a Martins Fontes, reclamando que a imagem da capa estava errada. O porquê da chiadeira? Não se trata de uma biografia do astro de *Apocalypse now*, mas da história de um Marlon Brando inventado, nascido em Alvinópolis, em Minas Gerais. Para a capa, Piqueira escolheu uma foto... do ator James Dean. “Imaginei que provocaria barulho, mas acabei ridicularizado na internet”, diz o autor. “É de supor que alguém que compre um livro sobre o Marlon Brando saiba a diferença entre ele e o James Dean.”

O designer pegou mais leve em *Clichês brasileiros*, seu último livro, lançado em julho. Trata-se de uma narrativa visual criada a partir de matrizes tipográficas, batizadas de clichês, do início do século XX. Piqueira usou as imagens para recontar a história do Brasil. À sua maneira, claro. Para representar a catequização dos índios, escolheu a imagem de um garçom e sobre uma das mãos dele pôs uma estátua de Jesus Cristo.

Nascido em Sorocaba há 41 anos, Piqueira cresceu entre a Barra Funda e Perdizes. Hoje mora em Higienópolis com a mulher, a psicanalista Fernanda Arantes. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. A única experiência na área foi a reforma que comandou de um antigo apartamento. Um desastre. “Causei vazamento nos imóveis do andar de baixo, um problema estrutural no apartamento de uma vizinha e derrubei parte da fachada”, lembra.

A Casa Rex é de 1997 e ocupa um casarão de 700 metros quadrados no Pacaembu. Emprega 40 designers e faz desde capa de livros até projetos para multinacionais, como a Unilever. Foi por causa dessa empresa, com sede em Londres, que o estúdio abriu em 2010 um escritório na terra da Rainha. Piqueira comanda os projetos internacionais à distância. Não gosta de viajar. Prefere ficar em casa. Sim, ele gosta de São Paulo. “Toda a minha história e meus amigos estão aqui. Isso é mais do que suficiente para eu gostar da cidade. Não preciso fingir que ela é linda”, diz, sem deboche.

Conheça alguns dos projetos pessoais do fundador da Casa Rex



ICONOGRAFIA PAULISTANA

O livro reúne 5 mil imagens de ícones questionáveis



CLICHÊS BRASILEIROS

Lançada em julho, a obra resgata a história do país por meio de matrizes tipográficas



MARLON BRANDO

Conta a história de um xará fictício do ator. E quem aparece na capa é James Dean.

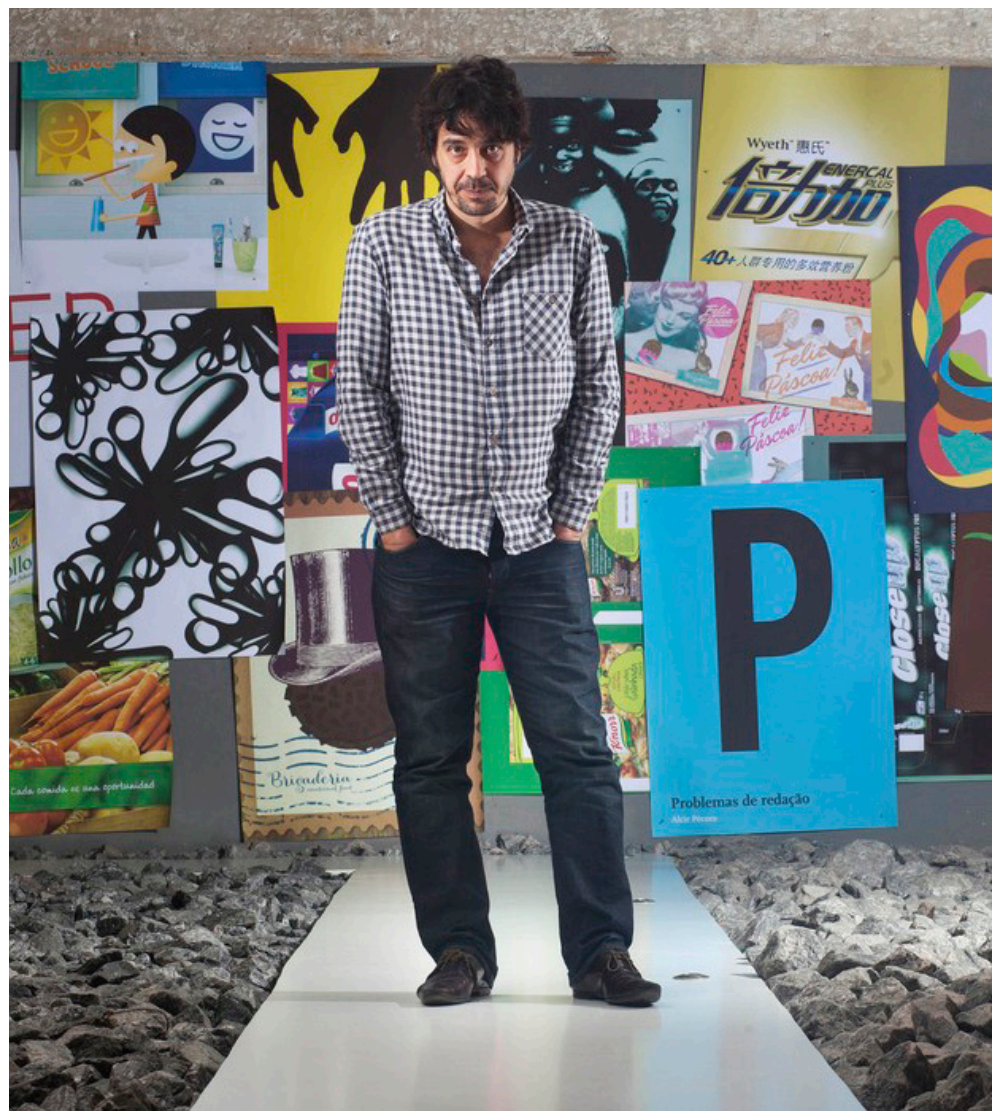


NERD NOUVEAU RICHE

O kit, com adesivos para quem tem orgulho de ser nerd, será lançado no segundo semestre.



Deboche. No escritório de Piqueira, uma reunião de figuras com muito pouco em comum. Foto: Rogério Cassimiro / Época SP



Prestígio. O designer Gustavo Piqueira posa no hall de entrada da Casa Rex, no Pacaembu. O estúdio faturou mais de 200 prêmios. Foto: Rogério Cassimiro / Época SP